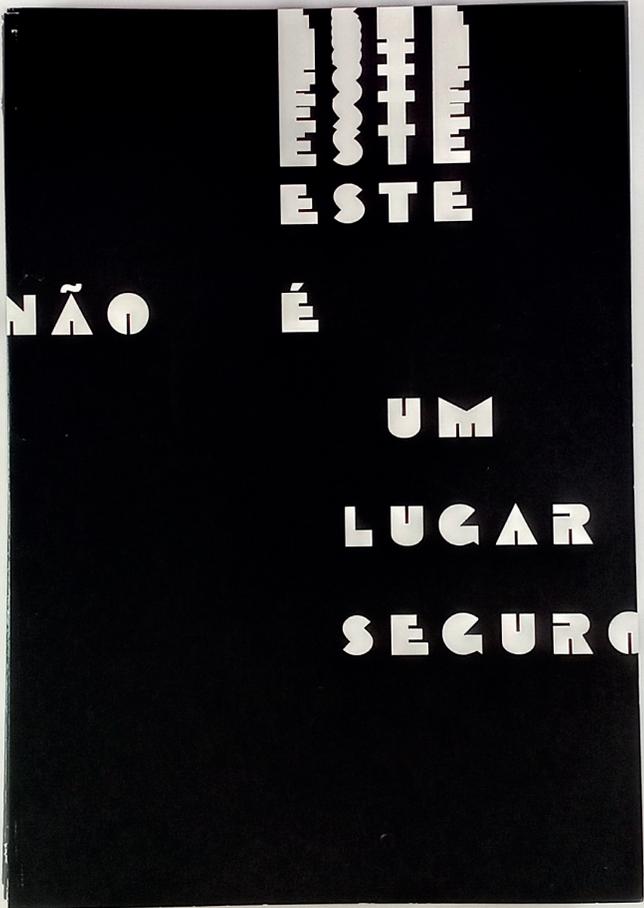


ESTE NÃO É UM LUGAR SEGURO

Lugares entre ruídos gestos e apagamentos



Este não é um lugar seguro: lugares entre ruídos gestos e apagamentos

é parte integrante da tese “Espaço rompido”,
de Guilherme E Silveira

Programa de Arte e Cultura Visual da UFG

Linha: Poéticas artísticas e processos de criação.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco

Goiânia

2022

sumário

| | |
|---|-----------|
| 1 - ESTE NÃO É UM LUGAR SEGURO | 5 |
| 1.1 - O PLANO: A URGÊNCIA E O DESCANSO | 5 |
| 1.2 - PRIMEIRAS LINHAS: IMAGENS-AMBIÊNCIA | 8 |
| 1.3 - OS PONTOS: LUGARES ENTRE RUÍDOS, GESTOS E APAGAMENTOS. | 14 |
| 1.3.1 - Restrição como proposição criativa | 23 |
| 1.4 - AMPLIANDO A LOCALIZAÇÃO: DESDOBRAMENTOS EXPOSITIVOS | 25 |
| NOTAS | 34 |
| REFERÊNCIAS | 35 |
| LISTA DE FIGURAS | 36 |

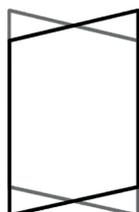




Fig.1: "Este não é um lugar seguro", 2019. Capa e páginas.

1 - ESTE NÃO É UM LUGAR SEGURO

“the abstract draws artists towards itself as a semi-autonomous zone just out of reach.”
(Liam Gillick).

“Como se chega ao extremo?

Vivendo.

Sal demais, nenhum sal.

Um dia após muitos outros dias. É longo o caminho.

Chão acidentado,

desprezo,

declives

quedas.

A descida até o lugar onde somos capazes de tudo é, por vezes, um desmoronamento lento misturado à banalidade dos dias.

Ou abrupta avalanche.”

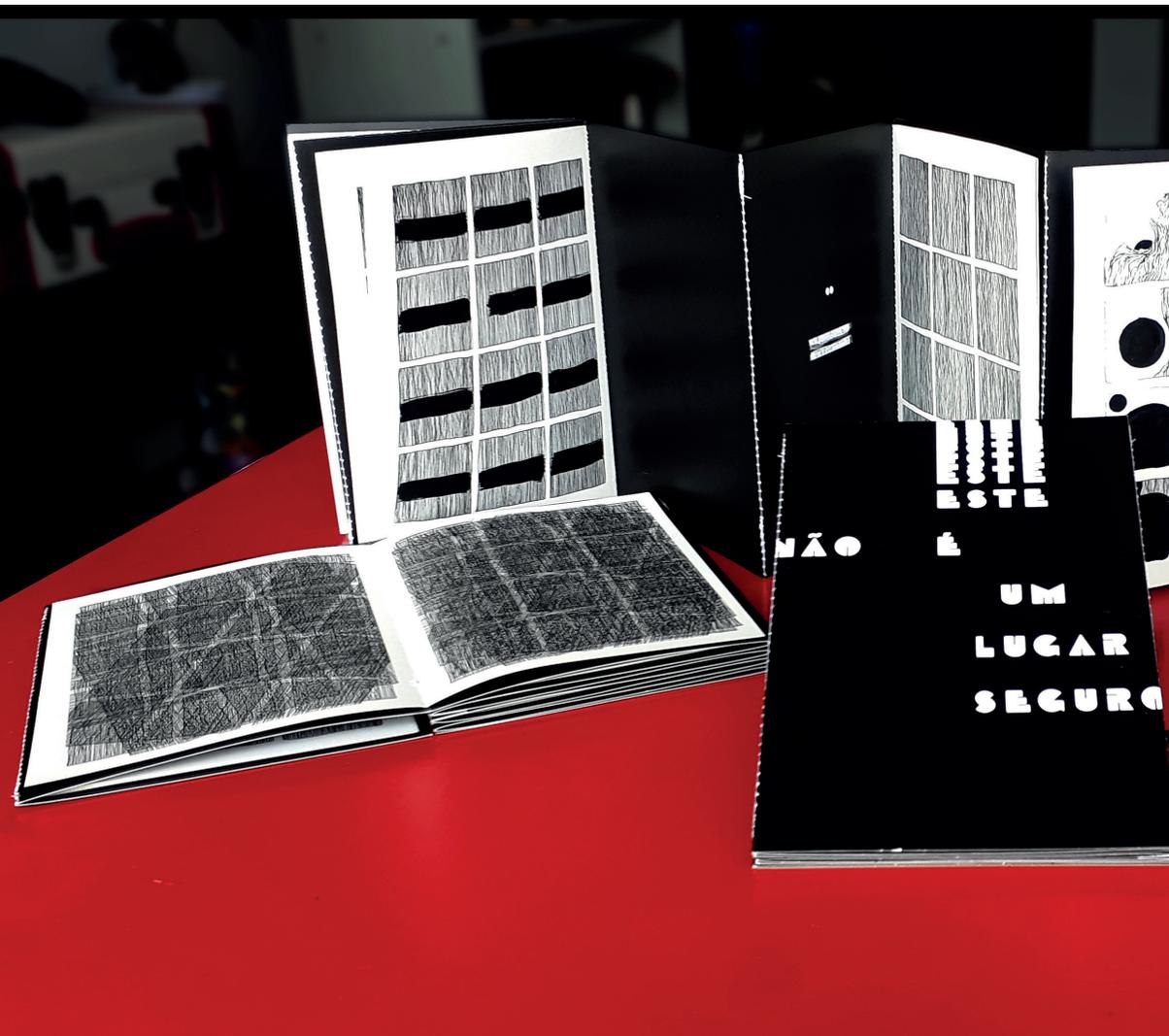
(Carla Madeira)

1.1 – A URGÊNCIA E O DESCANSO

“Este não é um lugar seguro” foi produzida, graficamente, em junho e agosto de 2019, pensada editorialmente entre setembro e outubro e impressa em novembro do mesmo ano. Ainda que vários dos seus elementos estivessem rondando minha cabeça, em alguns esboços que buscavam explorar as linhas verticais e as imagens abstratas em uma HQ longa, a sua produção teve como impulso a feira Des.Gráfica, do MIS (Museu da Imagem e do Som) e seu edital de publicação. O senso de urgência para conseguir enviar a edição para a seleção (que deveria estar completa em versão digital) acabou impressa na obra, pois o curto espaço de tempo exigiu que eu não me apegasse às indecisões e confiasse na intuição após estar bem decidida quanto à lógica interna do trabalho.

Em agosto enviei o trabalho e em setembro o resultado saiu e o trabalho não havia sido selecionado. O que por um lado resulta em frustração, mas em outro, deu espaço para dar continuidade a uma inquietação que se mantinha desde a finalização dessa primeira

versão do trabalho: o formato da publicação deveria mesmo ser o livro tradicional (como previa o edital)? A ideia que gravitava em torno desse trabalho era a da potência infinita das formas visuais em oposição à insegurança que essa mesma infinidade gera. Ao enfrentar esse amplo vazio há um sem-fim de resultados possíveis que, nesse trabalho, eu havia desdobrado em oito recomeços possíveis (8, que faz também um jogo com o infinito), mas isso estava de alguma forma presente no trabalho? O livro tradicional operava um percurso de início ao fim que não somava muito ao conceito central. Entre agosto e outubro esse problema foi se amadurecendo enquanto eu esboçava versões em pôsteres, cartões, sanfonado, dobráveis. Foi em uma das viagens de Londrina (onde moro) a UFG-



Goiânia (onde desenvolvi essa tese e as disciplinas), que, entre uma espera e outra das baldeações e conexões, resolvi o formato híbrido que possibilitou a “Este não é um lugar seguro” o aspecto cíclico e que ligou a materialidade do objeto ao conceito geral que vinha sendo trabalhado.

A edição final dessa obra (Fig.2) tem formato híbrido de sanfonado – impresso em gráfica, com papel offset 250g – e canoa – com miolo impresso em impressora laser pessoal, com papel polém bold 90g. Sua montagem e encadernação passa por duas etapas: a primeira consiste em refilar todos os miolos, processo feito por mim, e o segundo é a costura – nove por edição – realizada por uma costureira. “Este não é um lugar seguro” foi lançada em novembro de



Fig.2: “Este não é um lugar seguro”, 2019.

2019 na própria feira Des.Gráfica e teve também um lançamento no Sesc Cadeião Cultura de Londrina em fevereiro de 2020, quando se desdobrou também em exposição.

1.2 - PRIMEIRAS LINHAS: IMAGENS-AMBIÊNCIA

Esse é um trabalho que mescla ideias e formas que me perseguiram já há alguns anos, inquietações levantadas pelas disciplinas cursadas no programa de Arte e Cultura Visual em 2018 e 2019, e a urgência injetada pelo edital referido. Há uma retroalimentação entre a prática, o instinto e o pensamento que constrói uma lógica interna ao trabalho poético, o que me leva a diferentes formas e nesse percurso eu vinha anotando possibilidades para obras não-narrativas e não-figurativas, buscando diálogo com trabalhos precedentes e de outros autores.

Desenvolvi alguns esboços que envolviam os traços verticais justapostos que permitem uma tensão entre bi e tridimensional e uma impressão de movimento que por si só carregam uma visualidade que me interessa na fragmentação da página de HQ – já vinha explorando esse elemento esporadicamente desde 2009, em “Vele a Vida” (Fig.3), e relacionado à abstração em 2012, em “Preto no preto, branco no branco”. Essa forma de trabalhar as linhas tem origem em referências musicais que influenciam diretamente meu trabalho. Busco com elas criar uma ambiência visual fluida, instável que estimule um porvir muito ligado à música experimental, post-rock e ao drone¹, em trabalhos de músicos e bandas como “Godspeed You! Black Emperor”, “Glenn Branca”, “Sunn O)))” e “Boris”.

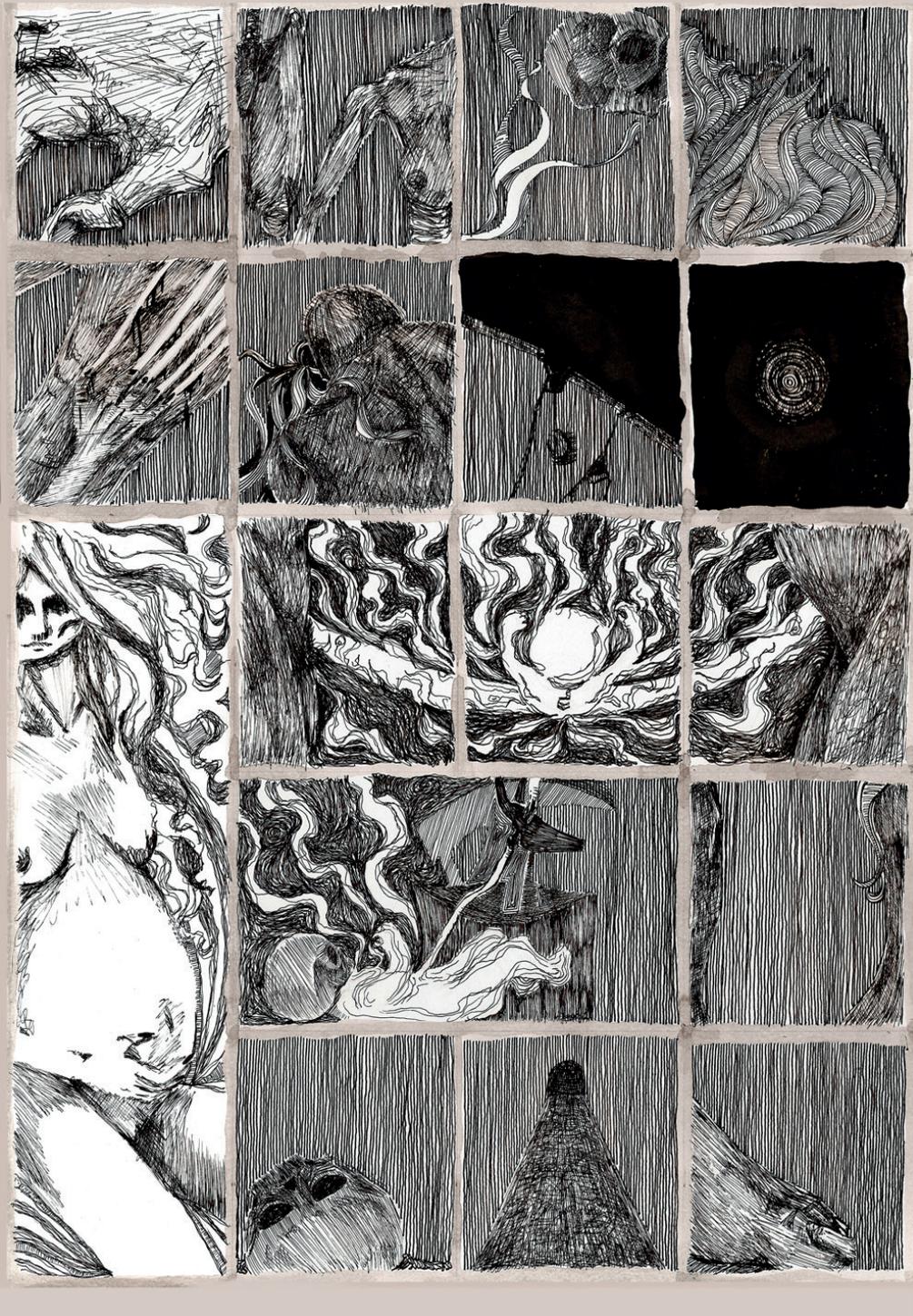


Fig.3: "Vele a vida", 2009.



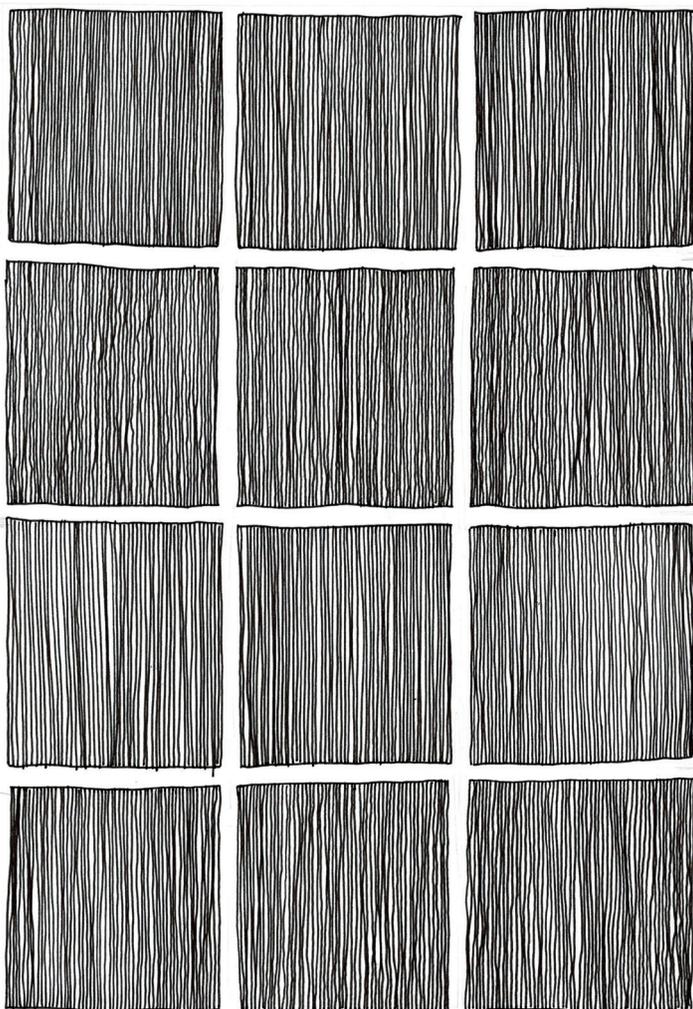
*Fig.4: Out-of-round, 1999.
Richard Serra.*



Mais especificamente, o trabalho “Monoliths & Dimensions”, de 2009, da banda estadunidense “Sunn O)))” que em suas quatro longas faixas cria camadas espessas de guitarras e contrabaixos distorcidos; camadas que são amplificadas por melodias ruidosas de sopros, vozes e sintetizadores, constituindo uma verdadeira parede sonora que muito lentamente se movimenta, em uma sonoridade densa, lamacenta. A capa do álbum citado amplia ainda mais essa experiência: “Out-of-round X” (Fig.4), de Richard Serra, uma imagem que carrega a mesma densidade explorada pela matéria – sonora e, aqui, plástica. Serra afirma que “é função da arte, em particular, tornar acessíveis modos não vistos de se ver.” (2014, p.239). Comecei a trabalhar com as linhas buscando uma construção que fizesse paralelo a essas obras, ao mesmo tempo densa e que indicasse movimento, um lento e constante suspense e venho experimentando maneiras de desdobrá-las em histórias em quadrinhos.

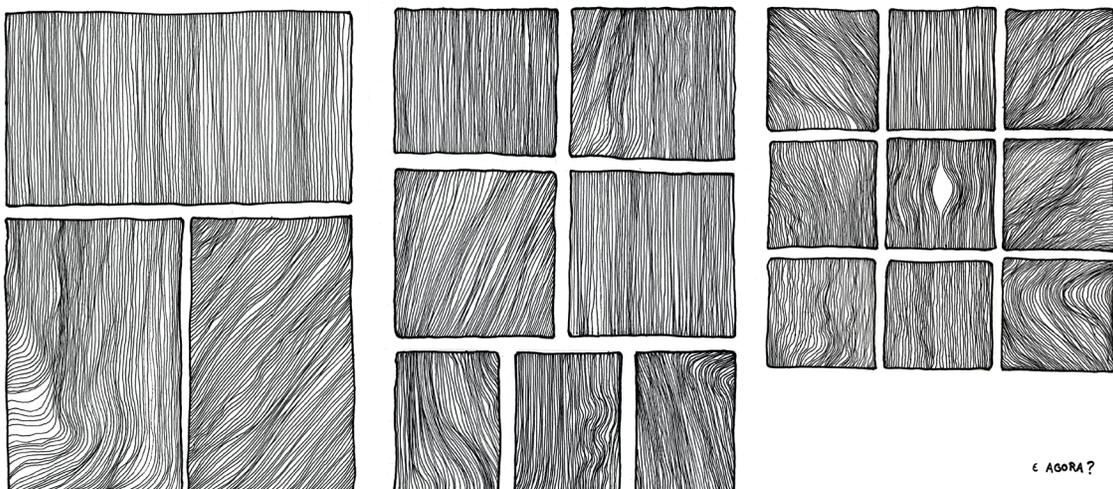
Comecei o trabalho prático desenhando com caneta nanquim os ambientes. Sem roteiro, nem projeto detalhado, as ideias soltas tomam corpo durante o fazer, o que tinha de pressuposto era criar a partir das imagens de linhas sinuosas justapostas uma noção de movimento. Após alguns esboços e tentativas, criei uma página com doze quadros regulares, todos preenchidos com linhas. A irregularidade das linhas feitas sem instrumento de precisão gera a possibilidade de variações, ora calculadas, ora acidentais, que vão obrigar as próximas linhas a se curvarem mais ou menos. É um processo que soa mecânico, mas se torna muito intuitivo e dialógico, cada erro, cada ondulação ou vacilo da linha, cria o caminho para o próximo ato, a mão e suas falhas guiam o fazer.

Ao terminar a primeira página (Fig.5), eu tinha infinitas possibilidades de desenvolvimento, poderia seguir por diversos caminhos, as linhas que havia feito na primeira página poderiam se repetir pelas próximas com suas pequenas mutações e movimentos; poderiam se abrir ou fechar para explorar mais intensamente a



*Fig.5: Primeira página
de "Este não é um lugar
seguro", 2019.*

*Fig.6: Páginas abstratas
de "Preto no preto, Branco
no branco", 2012.*



noção de movimento – como já havia esboçado em 2012 (Fig.6). Em um determinado momento, um pouco para evitar o grande cinza que o conjunto poderia se tornar, resolvi que as linhas poderiam deixar a frente e se tornar a base. Seriam a ambientação para outras intervenções. Nesse campo fluido, instável, eu interviria, pensando exatamente na noção de “infinitas possibilidades de desenvolvimento”. Dessa neblina, eu tentaria desvelar alguns vultos. Assim, determinei que a HQ seria um retrabalhar das possibilidades de inserção nesse ambiente inicial, retrabalhar as possibilidades quadrinhísticas, ora destacando esse aspecto sequencial, ora subvertendo-o para uma noção da página como unidade. Como fisicamente o trabalho precisa de um limite, optei por criar oito “refazimentos” de oito páginas cada. A primeira página mantém sempre a mesma base – os doze quadros com linhas verticais – e a partir da segunda página inserções, ruídos e modificações são trabalhados até a oitava página.

A lógica final do objeto acaba relacionando “Este não é um lugar seguro” com outras produções, a principal delas é a vanguarda brasileira do Poema/processo. Além de sua proximidade com os elementos gráficos dos quadrinhos (quadros, balões, onomatopeias, linhas cinéticas, entre outros), há nessa vanguarda uma proposição pela série e pela versão.

O processo ocorre em vários níveis, abrangendo, entre outras coisas, as transformações físicas dos objetos, no suceder do tempo de leitura do espectador/participante. O conjunto de atos que se experimenta, e a série de fenômenos que se dão ao manipular os poemas, implicam que se tenha uma visão de toda uma realidade em processo. (NÓBREGA, 2017, p.13)

Assim como no Poema/processo, a lógica desse livro é a de um processo aberto, que permite os desdobramentos que aparecem no livro, mas também muitos outros – algo que de fato aconteceu quando a HQ se desdobrou em exposição, da qual falarei mais à frente. A partir desse ponto o projeto se tornou um exercício muito livre de buscar formas diferentes de intervir nos ambientes iniciais.

1.3 - OS PONTOS

Apresento aqui rapidamente cada um dos desdobramentos do livro, dando destaque para o conceito operatório que guiou cada um. Cada conjunto que apresento a seguir tem nove imagens, pois além de agrupar as oito páginas que formam cada um dos conjuntos, também incluí a marca/número de abertura (Fig.7) que acompanha cada conjunto no livro – nessa página encontra-se a marca do conjunto e uma imagem que busca sintetizar a operação realizada.

Chamo esses conjuntos de pontos por ser como eu os nomeio e numero, com círculos, evitando ao máximo informações verbais. Ao mesmo tempo em que são pontos, também acabam se relacionando à lua, já que utilizei uma imagem da lua crescente para marcar o conjunto inicial, ainda sem intervenções nas ambiências visuais – nesse sentido, o livro é formado por uma lua crescente, lugar de planejamento, e oito luas cheias, lugar de abundância e concretização.

C

A abertura do livro apresenta o conjunto de oito páginas de as ambientações visuais (Fig.8). Nessas páginas o trabalho de linhas foi feito à mão, com pequenas variações perceptíveis entre os quadros e as páginas. Essas páginas são a base para o que virá e foram xerocadas para possibilitar as intervenções.

●

O primeiro ponto trabalha o rastro horizontal atravessando o prolongamento de linhas (Fig.9). Três manchas (1o, 5o e 9o quadros) de tamanhos diferentes (feitas com nanquim e pincel) aumentam página a página, o que também pode ser compreendido como uma

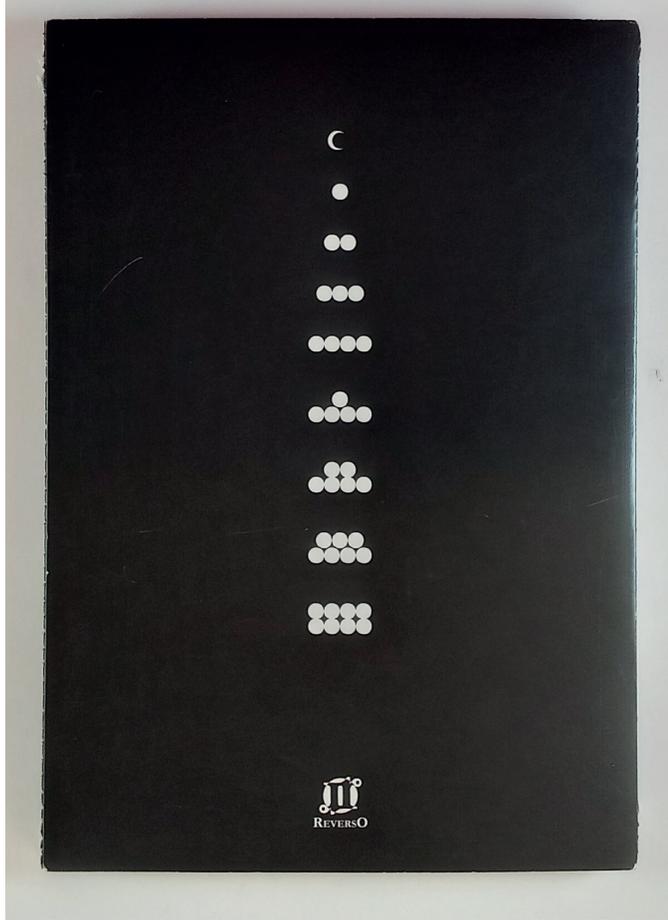


Fig.7: “Este não é um lugar seguro”, 2019. Detalhe do início de capítulos.

Fig.8: Ponto 0: conjunto de abertura de “Este não é um lugar seguro”.

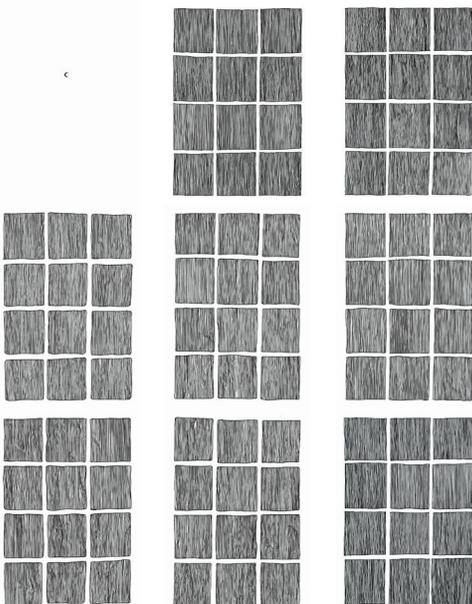


Fig.9: Ponto 1: conjunto de "Este não é um lugar seguro".

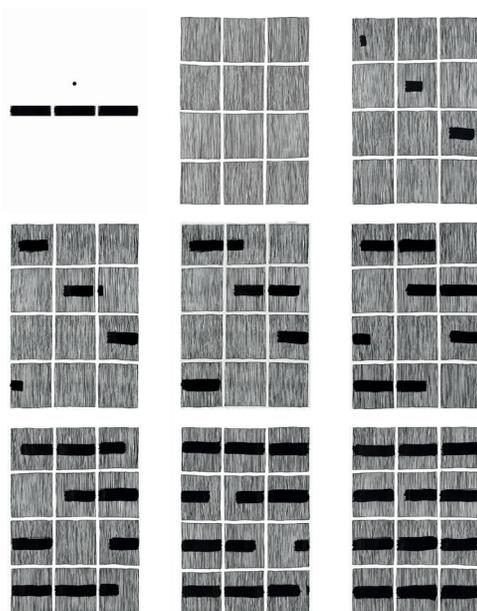


Fig.10: Ponto 2: conjunto de "Este não é um lugar seguro".

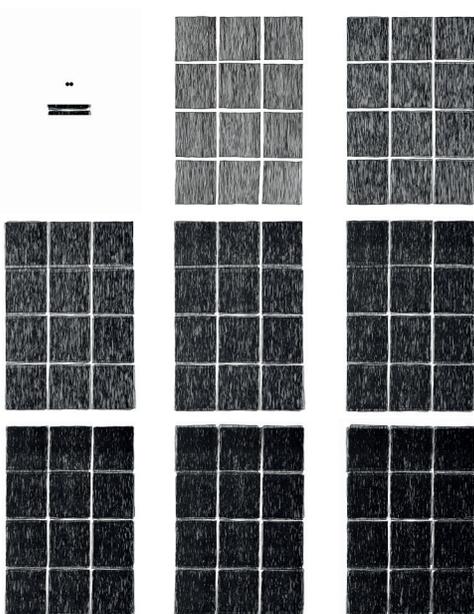
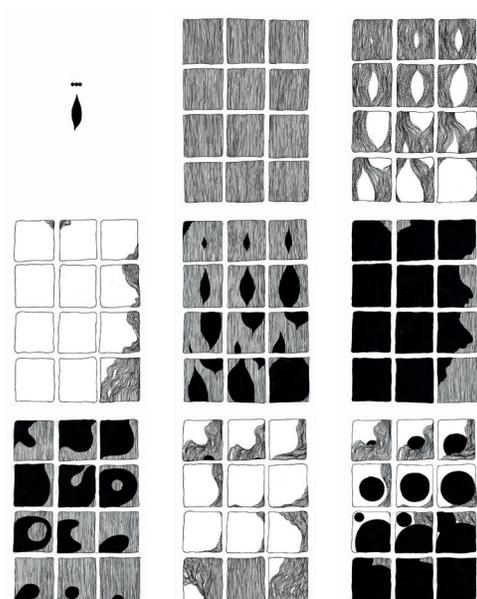


Fig.11: Ponto 3: conjunto de "Este não é um lugar seguro".



só mancha que se desloca quadro a quadro. A marca do gesto criador como primeira intervenção nas ambiências. Utilizei a mesma imagem e xeroquei a cada etapa para ter cada página como registro dessa ação.



O segundo (Fig.10) se dá pela sobreposição da página inicial sobre ela mesma. Trabalhada a partir do xerox, foi somada uma sobreposição a cada página até que no final consegui uma superfície muito escura, mas não uniforme que destaca a materialidade da página e do movimento repetitivo que acaba por retirar a nitidez do objeto inicial, transformando-o em uma quase outra forma, entre o ruído e o a cobertura completa, entre a falha e o apagamento do objeto. Se as ambiências visuais têm como paralelo as paredes sonoras do drone , esse ponto mostra um adensamento dessa parede que vai se tornando tão enlameçado que chega a flertar com o ruído branco.



No terceiro ponto (Fig.11) optei por um desdobramento do ambiente base, tomo as linhas como elemento principal e trabalho com seus deslocamentos a cada quadro com desenho em nanquim. É o único conjunto em que retrabalho as linhas/base diretamente com nanquim e não com xerox, isso para fazer surgir as formas por detrás das linhas e não apenas por cima delas. Provavelmente um dos desdobramentos que mais se liga ao que vem sendo feito nos quadrinhos abstratos – ainda que todo esse trabalho se relacione diretamente com essa tendência, já que não apresenta figuração, nem estrutura narrativa – busquei um trabalho intuitivo de linhas, orgânico e de diálogo entre as formas. Para se somar a esse movimento das linhas, assim como da sensação de aproximar e distanciar-se, busquei uma noção de simetria negativo-positivo,

Fig.12: Ponto 4: conjunto de "Este não é um lugar seguro".

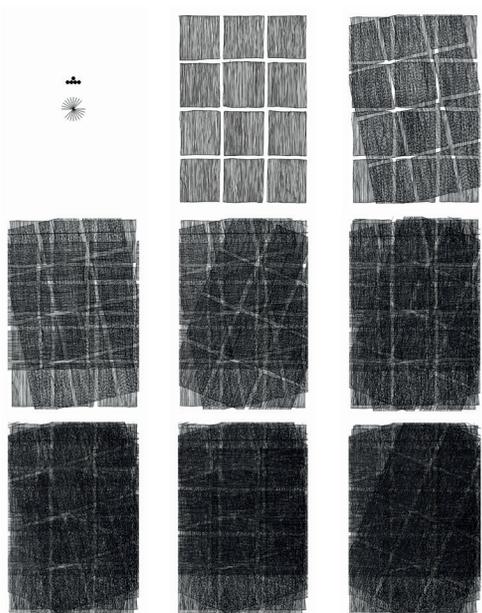
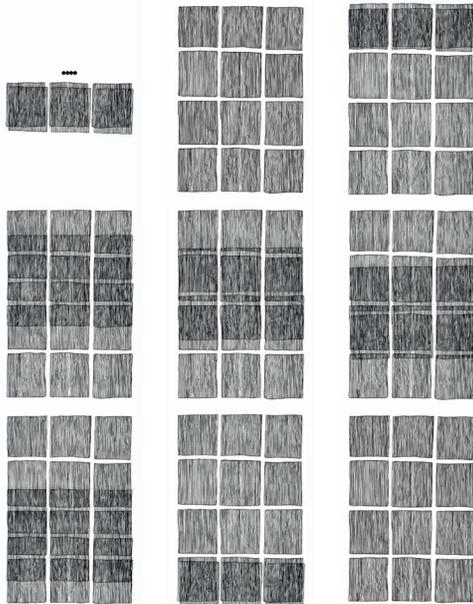


Fig.13: Ponto 5: conjunto de "Este não é um lugar seguro".

Fig.14: "Palavras, palavras...", 2017. Antonio Muntadas. Montagem a partir das imagens da obra.



que pode ser vista entre as seis páginas intermediárias do capítulo.



O ponto quatro (Fig.12) também foi criado apenas com trabalho de xerox. A ideia de progressão se dá pela sobreposição de duas faixas de três quadros sobre a página base, essas faixas “descem” a cada página, terminando em uma oitava página idêntica à primeira. Aqui destaca-se o movimento tabular, numa leitura da página como um todo e não necessariamente apenas o movimento dentro do quadro, percebido na relação entre um quadro e outro.



O ponto cinco (Fig.13) é mais um dos pontos construídos com interferência em xerox. Aqui o ruído fala a partir de outro processo de repetição e sobreposição. A partir da primeira página, uma ação parecida com a do segundo ponto foi feita, mas dessa vez a folha foi girada pouco a pouco a cada xerox, gerando um efeito de ruído e movimento que soterra quase completamente a fragmentação dos quadros na página. Um paralelo com essa ação do ruído como algo que modifica e cria, ou destrói, pode ser visto, como exemplo, na obra “Palavras, palavras...” (Fig.14), 2017, de Antoni Muntadas. Uma obra que me influencia aqui pelo negativo, afastando-se do significado da obra de Muntada e me atendo ao aspecto do ruído gerador.

No caso do artista catalão-estadunidense, há um posicionamento claro de coisas que se perdem e se constroem a partir de um ruído (que parece ser de comunicação): “responsabilidade”, “objetividade”, “debate”, “democracia” e “ideologia” parecem se perder, somem em meio à repetição ruidosa, enquanto do ruído surgem “política”, “opinião”, “medo”, “demagogia” e “fake news”. “Palavras, palavras...” é simbólica do nosso momento e me inspira em sua ação plástica a gerar um ruído que transforma.

Fig.15: Ponto 6: conjunto de "Este não é um lugar seguro".

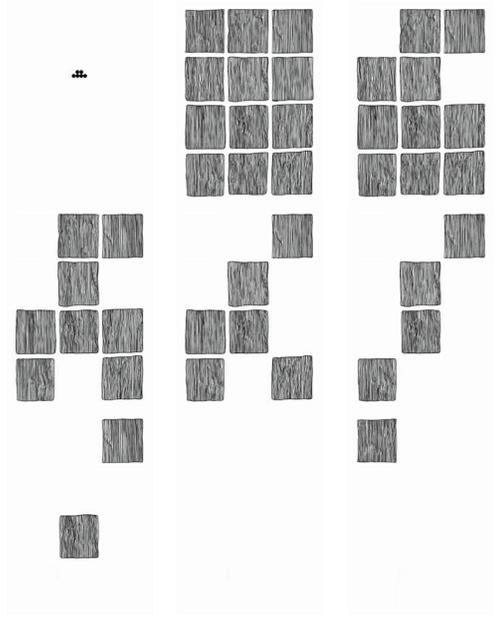
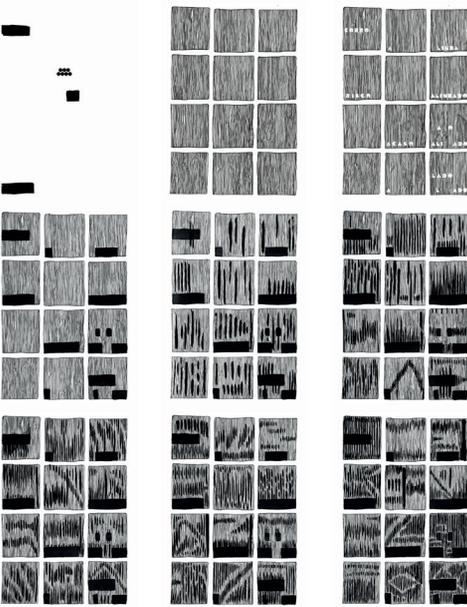


Fig.16: Ponto 7: conjunto de "Este não é um lugar seguro".



*Fig.17: "Código", 1973.
Algusto de Campos.*





No sexto ponto (Fig.15) foi criada uma repetição lógica de retirada os quadros, retirando dois quadros por página. Primeiro foram os quadros 1 e 6 (na segunda página), depois saltos de 2 e 4 quadros (então foram retirados os quadros 4 e 11; 2 e 9; 7 e 12 e assim sucessivamente), até que, após todos os quadros retirados (vazio na sétima página) a lógica de retirada retorna ao quadro 1, que já havia sido apagado e agora volta a ser visto na oitava página como um eterno retorno.



Se o sexto ponto mostrou uma ideia de eterno retorno, o sétimo (Fig.16) é carregado da ideia de soma, registro e sistema de linguagem enquanto jogo a se desvendar. Numa brincadeira com o jogo espacial das palavras e a leitura linear dos quadrinhos, trabalhei na segunda página algumas palavras num poema que se liga ao fazer dessa HQ: “Corro a linha / risco alinhado / ao acaso aliado / lado a lado”.

Essa construção joga com a Poesia visual e a forma como ela propõem que a linguagem seja desvendada, como ocorre por exemplo na obra “Código” (Fig.17), 1973, de Augusto de Campos, em que a palavra-título é escrita de maneira sobreposta, transformando o código em ideograma, um símbolo a partir da desconstrução da linguagem.

Eu queria jogar visual e sequencialmente com esse “decifrar” da linguagem, mas pensando na linguagem visual dos quadrinhos; cobri as palavras na terceira página e repeti em ação o que o poema propõe, ou seja: corri a linha e risquei alinhado às linhas anteriores, lado a lado. Essa ação se dá de maneira progressiva: xeroco a terceira página, base para todo as outras, e somo arranjos de linhas verticais (linha-risco) a cada quadro. No primeiro quadro da quarta página, somo dois riscos; no terceiro três, e assim sucessivamente até o

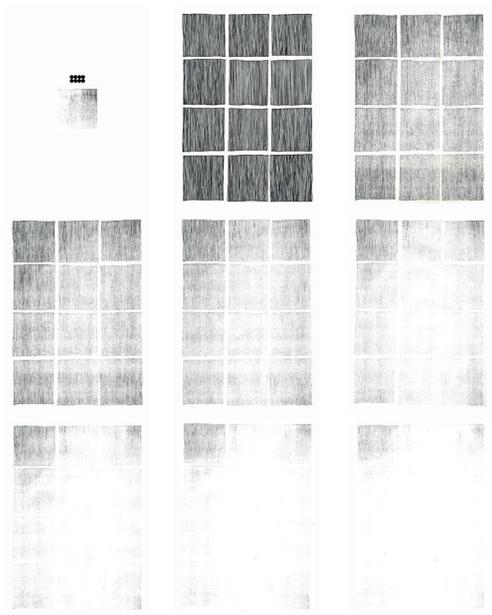


Fig.18: Ponto 8: conjunto de "Este não é um lugar seguro".

Fig.19: "Casção", 2017. Ilan Manouach.



último quadro da oitava página em um arranjo que contém 61 riscos. São muitos os riscos no processo de criação.



O oitavo ponto (Fig.18) lida com o apagamento, uma prática encontrada em diferentes momentos da história da arte e dos quadrinhos e tem como uma grande referência o “De Kooning Apagado”, 1953, de Robert Rauschenberg. Nos quadrinhos, Ilan Manouach, em 2017, produziu “Cascão” (Fig.19), em um trabalho feito a partir do “branqueamento” (*Whitewashing*) com alvejante nas páginas de uma revista do Cascão, da Turma da Mônica. É uma referência ao branqueamento típico de muitas produções cinematográficas e quadrinhística. Fazer o processo de apagar a imagem do xerox com pano e água acaba destacando o vestígio tanto quanto o apagamento. Sempre sobra algo do que havia sido construído, sempre resta algo.

1.3.1 – Restrição como proposição criativa

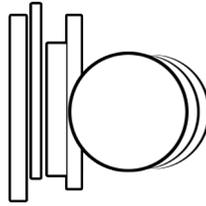
“Este não é um lugar seguro” é um grande exercício de liberdade impulsionado por uma lógica restritiva – estratégia essa típica da Oubapo – aqui a história em quadrinhos abstrata ganha espaço amplo para o puro gesto, as soluções variadas de ocupação da superfície da página. É um objeto que dialoga com uma postura de encontro e enfrentamento com o abstrato, como aponta Lian Gillick:

Enfrentar a tarefa de produzir algo concreto por meio de um processo de abstração não reproduz a abstração nem nos fornece algo verdadeiramente autônomo. Ele produz uma falta e aponta para outros processos potencialmente infinitos de abstração. É essa infinidade potencial – que permanece produtiva enquanto se reproduz – que é a chave para a atração da arte abstrata. (GILLICK, Abstract, 2013, p.212. Trad. nossa)².

E é essa “infinidade potencial” que exploro nessa história em quadrinhos que transita entre o zine de arte, o livro de artista e a abstração nos quadrinhos. A restrição obriga à procura de soluções inventivas, intuitivas e deslocamentos de referências. De modo geral, talvez a maior dificuldade do improviso consista “em lidar com seu aspecto desorganizado e indefinido” (BECCARI & BEDORE, 2019, 303), que só pode ser superado estando de corpo presente. Essa postura atenta ao fazer, aos deslocamentos e tudo o que gravita em torno das entradas da criação, esse estar presente é “um predicado decisivo daquilo que denominamos vivência estética” (BECCARI & BEDORE, 2019, 303). Entendo que a produção da “Este não é um lugar seguro”, assim como o trabalho geral dessa investigação poética, tenha atravessado essa vivência.

Trata-se de perceber com clareza o que está acontecendo ao redor, o que está acontecendo conosco, o que estamos fazendo, como estamos fazendo e qual o efeito que isso tem. Mais do que isso, o “estar presente” reside na passagem entre perceber e reagir ao que é percebido. Significa, nos termos do filósofo Clément Rosset (1989, p. 183), que o improviso é a arte de discernir encontros ao acaso. [...] o que é chamado ora talento, ora gênio, ora potência criativa ou capacidade produtiva, não significa uma aptidão em transcender o acaso em criações que escapariam ao acaso, mas uma arte (originalmente sofisticada) de discernir, no acaso dos encontros, aqueles que dentre eles são mais agradáveis: arte, não de “criação”, mas de antecipação (prever, por experiência e delicadeza, os bons encontros) e de retenção (saber “reter” sua obra num desses bons encontros, o que significa que se pode apreender no voo o momento oportuno). (BECCARI & BEDORE, 2019, 303)

Assim, a restrição – trabalho abstrato de intervenção sobre oito páginas já impostas – levou esse trabalho a explorar a força da repetição do fazer, de reinícios em criação de séries, de uma maneira que se aproxima da música de improviso, mas sob uma base vem do post-rock e do drone, ou seja, um improviso que tem como ponto de partida ambiências e sensações e não significado claro.



1.4 - AMPLIANDO A LOCALIZAÇÃO: DESDOBRAMENTOS EXPOSITIVOS

Todo o processo de produção da “Este não é um lugar seguro” foi realizado a partir da linguagem dos quadrinhos, embora durante sua produção, seja em referências ou em ferramentas e materiais, outros contextos aparecessem. Junto das páginas que fazem parte da HQ alguns outros desenhos e esboços de ideia mais ligados ao espaço expositivo foram realizados. Essa premissa do reinício para um mesmo problema prático-poético pode ser levada para as mais diversas linguagens. Foi, então, que surgiu a possibilidade de lançamento da HQ no Sesc-Cadeião Cultural, em Londrina, e me propuseram a realização de uma exposição (Fig.20) – impulsionada por uma conversa entre minha companheira e editora do selo Risco impresso, Vizette Seidel, e uma coordenadora do Sesc. Inicialmente exporia os originais, mas achei que seria uma boa oportunidade de explorar mais a abertura deixada pelo processo que acabou cruzando alguns aspectos dos quadrinhos abstratos, conceituais e do pós-quadrinhos. Uma HQ expandida.

Semelhante às publicações de artistas, os pós-quadrinhos questionam os limites do que é um quadrinho, um livro ilustrado, uma narrativa visual e assim por diante. Os pós-quadrinhos também vêm como exposições, instalações, performances ou projetos participativos. Além disso, eles não são apenas uma atividade complementar dos criadores de quadrinhos nem são apenas objetos expandidos feitos para comentar sobre o meio de referência ou ponto de partida, embora também se entreguem a algum comentário reflexivo sobre os quadrinhos. (CONARD, 2020, p.12. Trad. nossa)³

GUILHERME SILVEIRA
COLABORAÇÃO DE ISABELLA MARIA

ESTES SÃO OS LUGARES
GUILHERME SILVEIRA
COLABORAÇÃO DE ISABELLA MARIA

A exposição "Este não é um lugar seguro", de Guilherme Silveira, ocupa o mezanino do Sesc Cadeiã, onde são apresentados uma série de desenhos, uma instalação e a HQ / Livro de artista que deu origem ao projeto.

Nesse trabalho que caminha entre as fronteiras da HQ abstrata e do livro de artista, Guilherme explora o desenho no espaço da página, criando uma narrativa de linha e do gesto. As modulações do livro permitem uma infinidade de possibilidades visuais, como pode ser vista nas 88 páginas do livro experimental. A série de desenhos conta com a colaboração da artista Isabella Maria Estevão, autora de duas das cinco peças apresentadas. Desdobramento do plano a partir da repetição e alteração de uma base única. Já a instalação é composta por uma ambientação sonora e trabalhos em tecido e carvão ocupam o espaço expositivo.

O espaço da criação é um espaço de desdobramento e invenção, um espaço de incertezas e possibilidades, e os trabalhos da exposição procuram explorar as relações entre repetição e diferença a partir da recriação, da soma, dos ruídos, das fugas e apagamentos, fazendo surgir vislumbres narrativos no próprio ato de criar.

Abertura da exposição 07 de fev de 2020, às 19h, no Sesc Cadeiã Cultural, Londrina





*Fig.20: Cartaz da
exposição "Este não é um
lugar seguro", 2020.*

*Fig. 21: Registro da
exposição "Este não é um
lugar seguro", 2020.*

Em relação ao contexto e situação, a exposição tem sua origem ligada ao lançamento de um livro que, embora ocupe também um espaço enquanto arte zine ou publicação de artista, é uma HQ, explora essa linguagem; é essa a situação que ajuda a olhar para tudo na exposição sob o prisma dessa linguagem, buscando nela as relações e afastamentos. A exposição foi pensada em três partes: a primeira era a HQ exposta (Fig.21), como objeto a ser manuseado pelo público.

A segunda consistia em desenhos de grande formato (Fig.22) – 90x70cm aproximadamente –, feitos com nanquim e caneta Posca, em que eu busquei repetir a lógica da HQ, mas resumidas em um único plano. De alguma forma também podem ser encarados como HQs de uma só página – ou “quadrinhos de galeria”, como propõe Isabelinho (2011, s/p) – cada qual com quatro quadros a serem modulados de diferentes maneiras em suas linhas verticais e manchas. Na realização dessa série (em processo contínuo), convidei uma artista visual e quadrinhista, Isabella Maria, para desenvolver algumas das páginas, reforçando a ideia de que a mesma base pode ser reiniciada e retrabalhada infinitamente. Dos cinco desenhos expostos, dois foram realizados pela Isabella e três por mim. Essa mesma proposta estava planejada para uma oficina na mesma instituição, mas essa foi desmarcada por conta do avanço da pandemia.

Na terceira parte foi desenvolvida uma instalação com tecidos, carvão e sons (Fig.23). A instalação recebeu o nome de “Nascedouro” e nela foi materializada a metáfora do espaço do possível, em um lado um “ninho” de tecido branco preenchido de matéria (carvão) em suas aberturas e frestas; e no lado oposto do ninho outros tecidos (pretos) saem e chegam ao teto da galeria, com a ajuda de Terezas (cordas improvisadas que são utilizada para fugas). Uma obra de referência aqui é a “Tereza” (Fig.24) de Tunga e Arnaldo Antunes. Ainda que eu tenha lembrado dessa obra e a partir dela decidido usar a Tereza para



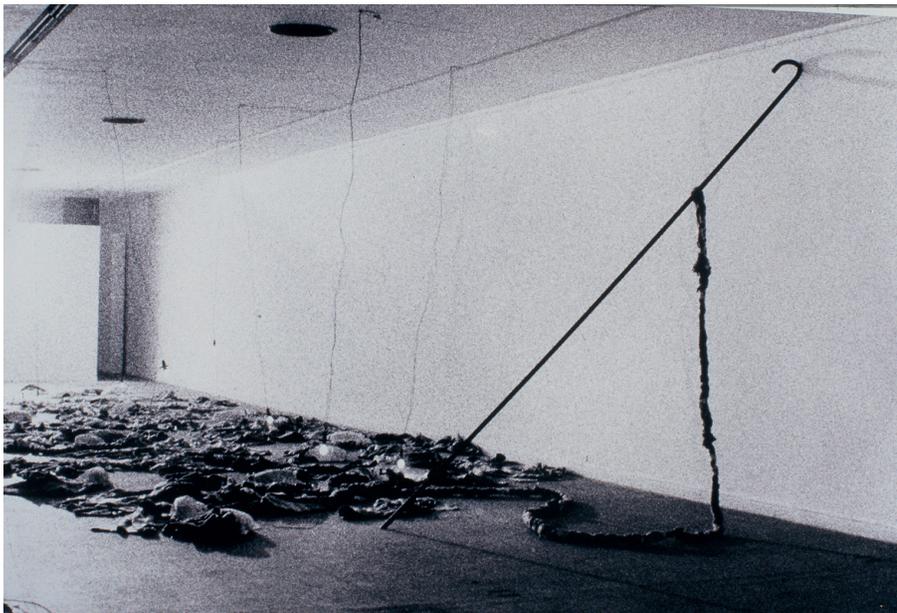
Fig. 22: Série de desenhos e detalhes da exposição "Este não é um lugar seguro", 2020.



*Fig. 23: Instalação
"Nascedouro", na
exposição "Este não é
um lugar seguro", 2020*

resolver o ambiente criado com os tecidos na minha instalação, indicando essa fuga que na arte se faz pela matéria – seja uma fuga alienada ou crítica –, apenas depois é que me lembrei – ou fui lembrado nas pesquisas e vídeos que reencontrei sobre a obra de Tunga e Arnaldo – que a instalação/performance da dupla também trabalhava com som, um som tétrico e cíclico, alguns paralelos com o que desenvolvi aqui.

O trabalho sonoro que completa “Nascedouro” é composto pelo som da linha, do riscar capitado no ateliê, é apresentado em um movimento contínuo a que se somam modulações seguindo as oito variações da HQ. Essas camadas se repetem com algumas alterações de plug-ins e edição, criando uma parede sonora ruidosa e em constante, porém contido, movimento. A opção por essa escolha se deu pela força que eu via na criação de uma ambiência que remete diretamente ao que eu buscava visualmente para a publicação ao mesmo tempo em que me permitia fazê-lo a partir do som do próprio ato de fazer. A captação sonora se deu após o término do trabalho na publicação, utilizando os mesmos materiais e o mesmo espaço utilizados no processo todo.



*Fig.24: “Tereza”,
1998. Tunga
e Arnaldo
Antunes.*

Com a exposição “Este não é um lugar seguro”, não busquei emular uma HQ fora do seu espaço, mas sim, traduzir o conceito gerador da HQ para o espaço expositivo, um pensamento quadrinhístico, que na montagem manuseia a matéria e cria sensações a partir do contato, mantendo e alterando conceitos operatórios que me interessam na produção das HQs em diálogo com outras linguagens. Uma busca de deixar florescer as possibilidades que a HQ apontava, mas agora em um campo expandido.

*Fig.25: Detalhe da
tereza em “Nascedouro”,
instalação da exposição
“Este não é um lugar
seguro”, 2020.*



NOTAS

¹. “A música do drone é definida como um ramo do minimalismo que enfatiza o uso de tons sustentados, ‘clusters’ ou notas repetidas.”, é uma tendência de músicas longas, pautadas em densas paredes sonoras ruidosas. O “Drone é um dos estilos musicais experimentais mais radicais, que se caracteriza pela extrema redução dos parâmetros musicais. (NATALEVIČIUS, 2013, p.79. Trad. nossa). Trechos no original: “Drone music is defined as a branch of minimalism that emphasizes the use of sustained tones, cluster, or repeated notes. (...) Drone is one of the most radical experimental music styles, which is characterized by extreme reduction of musical parameters.” (NATALEVIČIUS, 2013, p.79)

². “Tackling the job of producing something concrete through a process of abstraction neither reproduces abstraction nor does it provide us with anything truly autonomous. It produces a lack and points towards further potentially endless processes of abstraction. It is this potential endlessness - that remains productive while reproducing itself - that the key to the lure of abstract art.” (Gillick, Abstract, 2013, p.212)

³. “Akin to artist’s publications, post-comics question the boundaries of what is a comic, an illustrated book, a piece of visual storytelling and so forth. Post-comics also come as expositions, installations, performances or participative designs. Moreover, they are not solely a complementary activity of comics makers nor are they merely expanded objects made to comment upon the medium of reference or point of departure, even though they also indulge in some reflexive commentary on comics.” (CONARD, 2020, p.12)

REFERÊNCIAS

BECCARI, BEDORE. Vivência estética: linhas de força para a experimentação. in WILLMS, BECCARI, ALMEIDA (org). “*Diálogos entre arte cultura & educação*”. São Paulo: FEUSP, 2019.

CONARD, Sébastien. Post**comics: a certain point in time. in: CONERD, S.(org.). *Post-comics: Beyond comics, illustration and graphic novel*. Ghent: KASK School of Arts & Het Balanseer, 2020. p. 07-14.

GILICK, Liam. Abstract. in: LIND, M. *Abstraction*. Cambridge: MIT Press, 2013.

ISABELINHO, Domingos. Comics’ Expanded Field and Other Pet Peeves. *The Hooded Utilitarian*. 2011. Disponível em: <https://www.hoodedutilitarian.com/2011/08/comics-expanded-field-and-other-pet-peeves/> . Acesso: 25/01/2022.

NATALEVIČIUS, Mykolas. Time aspects of Drone Music. In *Principles of music composing: The phenomenon of rhythm*, XIII, 2013, p. 79-84 Disponível em: < <http://žurnalai.lmta.lt/wpcontent/uploads/2013/Muzikos-komponavimo-principai-XIII-Natalevičius.pdf>>. Acesso em: 27/03/2018

NÓBREGA, Gustavo. *Poema/processo* : uma vanguarda semiológica. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2017.

SERRA, Richard. *Escritos e entrevistas, 1967-2013*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2014.

LISTA DE FIGURAS

- Fig.1: “Este não é um lugar seguro”, 2019. Capa e páginas. Arquivo pessoal.
- Fig.2: “Este não é um lugar seguro”, 2019. Arquivo pessoal.
- Fig.3: Vele a vida”, 2009. Arquivo pessoal.
- Fig.4: Out-of-round, 1999. Richard Serra. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/177488> . Acesso: 31/01/2022.
- Fig.5: Primeira página de “Este não é um lugar seguro”, 2019. Arquivo pessoal.
- Fig.6: Páginas abstratas de “Preto no preto, Branco no branco”, 2012. Arquivo pessoal.
- Fig.7: “Este não é um lugar seguro”, 2019. Detalhe do início de capítulos. Arquivo pessoal.
- Fig.8: Ponto 0: conjunto de abertura de “Este não é um lugar seguro”. Arquivo pessoal.
- Fig.9: Ponto 1: conjunto de “Este não é um lugar seguro”. Arquivo pessoal.
- Fig.10: Ponto 2: conjunto de “Este não é um lugar seguro”. Arquivo pessoal.
- Fig.11: Ponto 3: conjunto de “Este não é um lugar seguro”. Arquivo pessoal.
- Fig.12: Ponto 4: conjunto de “Este não é um lugar seguro”. Arquivo pessoal.
- Fig.13: Ponto 5: conjunto de “Este não é um lugar seguro”. Arquivo pessoal.
- Fig.14: “Palavras, palavras...”, 2017. Antonio Muntadas. Arquivo pessoal.
- Fig.15: Ponto 6: conjunto de “Este não é um lugar seguro”. Arquivo pessoal.
- Fig.16: Ponto 7: conjunto de “Este não é um lugar seguro”. Arquivo pessoal.
- Fig.17: “Código”, 1973. Augusto de Campos. CAMPOS, A. Viva Vaia. São Paulo: Ateliê, 2014.
- Fig.18: Ponto 8: conjunto de “Este não é um lugar seguro”.
- Fig.19: “Casção”, 2017. Ilan Manouach. Disponível em: <https://ilanmanouach.com/work/cascao/> . Acesso: 21/01/2022.
- Fig.20: Cartaz da exposição “Este não é um lugar seguro”, 2020. Arquivo pessoal.
- Fig.21: Registro da exposição “Este não é um lugar seguro”, 2020. Arquivo pessoal.

Fig.22: Série de desenhos e detalhes da exposição “Este não é um lugar seguro”, 2020. Arquivo pessoal.

Fig.23: Instalação “Nascedouro”, na exposição “Este não é um lugar seguro”, 2020. Arquivo pessoal.

Fig.24: “Tereza”, 1998. Tunga e Arnaldo Antunes. Disponível em: <https://www.tungaoficial.com.br/pt/trabalhos/tereza/> . Acesso: 01/02/2022

Fig.25: Detalhe da tereza em “Nascedouro”, instalação da exposição “Este não é um lugar seguro”, 2020. Arquivo pessoal.

